

Vida Longa à Guerra!

Paul Mattick

<http://aaap.be/Pdf/International-Council-Correspondence/International-Council-Correspondence-5-02c.pdf>

<http://aaap.be/Pdf/International-Council-Correspondence/International-Council-Correspondence-5-02e.pdf>

<http://www.aaap.be/Pdf/International-Council-Correspondence/International-Council-Correspondence-5-02d.pdf>

Publicado em: Living Marxism: International Council Correspondence, Vol. V (1940-1941), No 2 (Fall 1940)

I

Um ano de guerra mudou muitas coisas, mas ainda não o suficiente para permitir um prognóstico convincente das tendências futuras e do resultado final. É claro que as linhas gerais de desenvolvimento podem ser vagamente previstas, assim como foi possível prever a eclosão da guerra por meio de uma consideração séria das contradições capitalistas fundamentais.

A previsibilidade é limitada. As perguntas que mais incomodam as pessoas podem ser respondidas de forma menos satisfatória. Significa muito pouco para elas saber que a produção capitalista de guerra acabará se esgotando, assim como a produção de paz; que, no final, algum tipo de rearranjo terá de ser forçado ou acordado pelos governantes das populações cansadas da guerra ou pelas próprias pessoas. A garantia de que do presente surgirão novas formas sociais e produtivas, criando problemas e situações diferentes daqueles que levaram à guerra e determinaram seu caráter, é facilmente aceita, mas sem entusiasmo. Estar ciente do óbvio, saber que o que existe hoje não perdurará, não é particularmente consolador.

As pessoas estão muito mais ansiosas para saber se Hitler invadirá ou não a Inglaterra antes do início do inverno, se os Estados Unidos entrarão ou não na guerra em pouco tempo e quais situações terão de enfrentar no futuro imediato. Embora H. G. Wells, em seu recente livro "The New World Order", tenha chamado a guerra atual -

com uma objetividade bastante rara nos dias de hoje - de meramente incidental, e a coisa de real importância seja a grande necessidade de reconstrução socialista do mundo, será, no entanto, bastante difícil para as pessoas agachadas em abrigos antiaéreos equilibrar o terror das bombas de grito com essa atitude histórica de longo prazo. Se a guerra é apenas incidental, o mesmo acontece com as vidas de centenas de milhares de pessoas. O caos atual, e não seu significado final, interessa àqueles que veem cortinas de morte sendo baixadas diariamente dos céus. As grandes perspectivas históricas são deixadas de bom grado para os historiadores; eles questionam na manhã seguinte, e quanto maior o caos, menos visionários e mais tacanhos eles se tornam.

E é assim que deve ser; caso contrário, não haveria esperança. É um fato frequentemente observado que qualquer guerra por interesses desconhecidos, ideais estrangeiros e conceitos abstratos acaba se transformando em uma mera luta pela simples existência. Quando grandes e decisivas massas percebem, por meio da mais amarga experiência, que não há escapatória, que não alguns, mas todos devem sofrer, então a revolta contra a morte se instala. Havia gladiadores nos tempos antigos e hoje há esquadrões suicidas, mas nunca houve uma população inteira determinada a acabar com sua existência. A guerra mudará seu curso em direção à paz se afetar real e decisivamente a maior parte das massas.

Entretanto, após um ano de guerra, e apesar de tudo o que aconteceu na Europa, parece que essa guerra foi mantida dentro dos limites controlados pelas classes dominantes do mundo. O que certamente significaria o fim da guerra há vinte e cinco anos indica hoje apenas seu sério início. Colocar a maior parte da Europa continental sob o controle da Alemanha, ou em alguma forma de coordenação com ela, não enfraqueceu a máquina de guerra alemã, mas aumentou seu poder de ataque e seus recursos. A derrota da França não limitou o teatro de guerra, mas apenas mudou o cenário. Quanto mais restrita for a guerra na Europa, mais ela se expandirá em outras partes do mundo.

Até o momento, os atos mais dramáticos da guerra consistem no bombardeio de cidades, portos, estações ferroviárias, depósitos e fábricas inglesas. Ninguém sabe se a invasão alemã da Inglaterra virá em seguida e qual será sua chance. Essas coisas são decididas e realizadas muito mais rapidamente hoje em dia do que, por exemplo, um grupo como o nosso leva para escrever, imprimir e enviar uma revista. A questão sobre o futuro da guerra depende de considerações econômico-militares, avaliações e apostas sobre as quais nenhum indivíduo, grupo específico, estado ou bloco de poder tem

qualquer controle decisivo. O fato de Hitler se gabar de que somente ele decidirá quando a guerra terminará é um gesto de propaganda vazio. Suas próprias decisões, assim como as de seus adversários, mesmo que tenham sido tomadas por eles, também foram, no entanto, impostas a eles.

II

Não há dúvida de que, no momento, a invasão da Inglaterra será um empreendimento caro e difícil. Muito provavelmente, os alemães ficariam mais satisfeitos se pudessem chegar a uma paz favorável a eles mesmos sem a destruição da ilha. Não é de forma alguma fora de propósito supor que a vantagem momentânea da Alemanha em termos de poder aéreo e bases aéreas (desde que essa vantagem possa ser mantida), a interrupção contínua do transporte, da produção e da distribuição, a perda do comércio mundial e a desmoralização da população podem, mais cedo ou mais tarde, forçar a Inglaterra a ver em uma paz hitlerista o mal menor. No entanto, parece que a oportunidade de uma solução de compromisso já foi perdida, e que qualquer tentativa de virar o barco pressuporia uma revolução política da maior magnitude. As forças para tal revolução não são visíveis.

A questão sobre o que acontecerá mais adiante na Europa está intimamente associada à atitude dos Estados Unidos em relação à guerra, pois a atual luta entre a Inglaterra e a Alemanha é agora apenas uma parte da luta entre a Alemanha e os Estados Unidos. Os procedimentos atuais na Câmara e no Senado dos EUA são certamente estranhos. Estranhas são as discussões sobre os diferentes projetos de lei propostos e promulgados. Estranho também é o comportamento da imprensa. Enquanto uma parte finge um sentimento antiguerra, a outra vê a armada de Hitler já cruzando o Atlântico; mas ambas sabem muito bem que todas as suas bobagens são absolutamente sem sentido, e nenhuma delas lida com questões da guerra, mas apenas com a luta eleitoral que se aproxima. A guerra, apesar de toda a conversa sobre ela, e o caráter da guerra, apesar de toda a barganha política relacionada a ela, já estão decididos e acertados. É apenas uma questão de conveniência saber quando entrar abertamente no conflito. Os falsos isolacionistas esperam apenas que a paz formal dure tempo suficiente para derrotar o New Dealer. Mas o Sr. Willkie não se atreve a falar outra coisa que não seja a linguagem do Sr. Roosevelt. Ele sabe que a questão da guerra independe do resultado das eleições ou da vontade do povo. Quem não souber disso, logo será obrigado a saber.

Devido a essa situação, devido ao fato de que essa guerra é tanto da América quanto da Alemanha, a Inglaterra já está derrotada em mais de um aspecto, muito antes

de as primeiras barcas nazistas tocarem suas costas. Após a queda da França, a Inglaterra não teve outra escolha a não ser entre dois senhores; ela escolheu o mais familiar. Desde então, ela tem mantido com os Estados Unidos a mesma relação que a França tinha com a Inglaterra. E assim como a Inglaterra estava disposta a "lutar até o último francês", os Estados Unidos não relutam em lutar até o último inglês.

III

As ilusões são alimentadas não pelo sonho do futuro, mas pelo pensamento sobre o passado. O longo domínio da Inglaterra, seu status atual e as oportunidades restantes tornam muito difícil imaginar que ela está condenada, que o Império está se desfazendo. É um absurdo culpar sua idade pelos problemas atuais; a Inglaterra está um pouco "decadente", assim como a Alemanha está "rejuvenescida". A Inglaterra está um pouco "decadente", assim como a Alemanha está "rejuvenescendo". Ela perde sua orgulhosa posição na estrutura do comércio mundial e do poder mundial não por causa de qualquer senilidade de sua parte, mas porque a antiga estrutura da economia mundial está entrando em colapso. Os centros de poder de ontem perderam sua força porque a arma da competição perdeu sua força em um mundo capitalista em declínio. Toda política externa baseada em sucessos tradicionais tornou-se sem sentido. Novas constelações de poder surgem, não mais baseadas ou forçadas a obedecer às regras de ontem (ou seja, o livre comércio e a política de equilíbrio de poder que garantiu o domínio da Inglaterra), mas baseadas em formas e atividades político-econômicas projetadas para garantir a exploração capitalista, quebrando, se necessário, todas as regras capitalistas até então consideradas inatacáveis.

A Inglaterra entrou nessa guerra muito mais forte do que em 1914. Tudo parecia favorecer sua causa; o futuro só poderia ser de crescente força militar e econômica. Em 1941-42, ela seria poderosa o suficiente para impor à Europa uma paz inglesa. A ofensiva alemã, assim que gastasse sua força, seria interrompida por uma poderosa contraofensiva. Enquanto isso, a diplomacia do dinheiro cercaria a Alemanha e garantiria a força do bloqueio. A Inglaterra, apesar de toda a sua estagnação desde o início do século, ainda era o país mais rico do mundo e controlava o maior império.

No entanto, embora a Inglaterra pudesse se sentir muito segura, ela não podia fazer nada para evitar o Armagedom que se aproximava, provocado pela eterna depressão em muitos países, especialmente na Alemanha, após a última guerra. Ela não podia fazer nada porque só podia agir em seu próprio interesse; ela só podia ter sucesso em manter o que tinha. Enquanto toda a economia mundial estava se expandindo, os

privilégios ingleses, embora prejudicassem o desenvolvimento de outros países, não os prejudicavam o suficiente para forçá-los a desafiar o domínio inglês. O poder que a Inglaterra possuía permitiu que ela exercesse uma influência dominante na política mundial. Ela levou outras nações à guerra e à derrota, mas garantiu a paz e o sucesso para si mesma. Mas, por fim, a insolúvel crise mundial do capitalismo provou ser o inimigo imbatível do capitalismo inglês.

IV

Se, no entanto, Hitler hoje culpa a Inglaterra por todos os males do mundo, como ontem culpou os judeus, e se ele fica especialmente entusiasmado com a conspiração britânica que impede os alemães de tomar seu café, ele está, no entanto, culpando a causa errada. Ele tem de declarar razões falsas para a miséria dos trabalhadores alemães, porque ele não seria Hitler se apontasse na direção certa. Hitler e a guerra existem porque as pessoas não querem e não conseguem ver as verdadeiras razões de seus problemas e, portanto, encontrar as soluções certas. A história anterior criou instituições sociais, econômicas e nacionais que forçam as pessoas, em suas atividades práticas e diretas, a agir como se essas instituições sociais, econômicas e nacionais fossem imutáveis e estivessem além de seu poder de alteração.

Não há escolha: "Enquanto aviões giravam em combate sobre Londres", noticiou o *Chicago Tribune* (9/10/40), "os diretores da Decca Record Company, Ltd. se reuniram em um abrigo antiaéreo e declararam um dividendo inicial de vinte e cinco por cento sobre as ações ordinárias da empresa". Não há escolha: suas casas estão em cinzas, seus filhos estão cegos, suas esposas estão histéricas, mas mesmo assim os trabalhadores, hoje como ontem, marcham para o trabalho para produzir mais instrumentos para sua escravidão e destruição. Não há escolha: os editores e os artistas da *Punch* e da *Lustige Blaetter* precisam continuar fazendo piadas para viver, e não faz diferença para eles se as pessoas riem de prédios que desabam ou de leite derramado.

Não há escolha para os trabalhadores, os patrões, os soldados, os padres, porque a sociedade capitalista não é social; porque para cada indivíduo alterar as coisas significa arriscar seus lucros, sua renda, seu salário, sua vida. Cada um deve, apenas para manter o que tem, lutar impiedosa e continuamente por mais - e contra os outros. Em uma sociedade assim, não pode haver interesses comuns, não pode haver paz, mas apenas diferentes formas de guerra. A luta contra a fome pode se transformar em uma luta com armas e gases venenosos, a luta de todos contra todos pode se transformar em

lutas de grupos de nações contra outros grupos de nações - nada mudou. O que se afirma aqui ainda é a única coisa que é "social" na sociedade capitalista.

Mesmo que essa verdade seja compreendida, ela não pode ser posta em prática. Como indivíduos, as pessoas só podem agir como agem, independentemente do que possam pensar. Sua "individualidade capitalista" não pode ser destruída, a menos que o capitalismo seja eliminado primeiro. "Só poderemos deixar de ser completamente suínos quando alguma catástrofe nos atingir". A magnitude da catástrofe necessária pode ser adivinhada com uma simples olhada no cenário europeu. As pessoas continuam trabalhando e morrendo por uma causa que não conseguem entender de fato, porque a histeria real do sofrimento ainda não substituiu a histeria artificial dos slogans atuais e dos símbolos amados. A guerra continua, embora nada possa ser ganho. Ela continua pela única razão de que, nas condições atuais, não pode ser interrompida.

Mas o capitalismo está cambaleando. Os governos podem garantir a reposição dos bens dos trabalhadores destruídos pelos bombardeiros, podem assegurar a propriedade capitalista, recrutada e usada, com os lucros do futuro; podem prometer o que quiserem, mas não conseguirão cumprir nada disso. As pessoas que fogem descalças e de camisa de noite das cidades bombardeadas para serem metralhadas pelos audazes do ar - tão favorecidos pelas garotas - estão fadadas a perder sua individualidade capitalista, ou seja, a ideologia que as impele a fazer a todos os outros o que todos os outros estão fazendo.

Centenas de volumes foram escritos para resolver a questão da culpa pela guerra de 1914. Centenas de outros estão em preparação - alguns até já foram publicados - para determinar o que e quem causou o desastre atual. Em 1914, foi Sarajevo, uma Alemanha mal informada sobre o conteúdo de um ultimato à Sérvia e que incentivou a monarquia austríaca a uma aventura que libertou todos os cães de guerra do mundo. Hoje, é o caráter de Hitler, a ideia de vingança alemã, a agressão fascista ou, mais diretamente, a falta de vontade da Polônia de entrar em acordo com Hitler em um período de tempo estipulado, um memorando lido apressadamente por von Ribbentrop para Henderson e muitas outras coisas. Por esses meios, a culpa pela guerra nunca será estabelecida, e pode-se muito bem declarar que a guerra não é desejada, mas destinada.

E é o destino, embora seja um destino criado pelo homem, mas que parece ter sido desejado pelos deuses. Pois, embora as instituições sociais, econômicas e nacionais sejam aparentemente imutáveis, elas mudam continuamente. Mas elas mudam, por assim dizer, nas costas das pessoas; isto é, elas determinam o processo social real sem

permitir a adaptação consciente, correspondentemente necessária, dos indivíduos a situações alteradas. A atomização da sociedade - em que cada um tem de agir contra todos os outros - permite o desenvolvimento apenas com os maiores sacrifícios de vida e felicidade. Como ninguém quer cair no abismo, todos tentam empurrar o próximo para baixo. A sociedade avança por meio das lutas incessantes de seus criadores.

V

As coisas mudaram consideravelmente, embora o significado completo das mudanças seja compreendido apenas tardiamente. Por exemplo, é somente agora, com a segunda guerra mundial em andamento, que se torna possível apreciar plenamente o significado da primeira. Foi um acidente, foi o *Lusitânia*, foi a política de empréstimos estrangeiros, foi o ódio de Wilson pelos inimigos da democracia que levou os Estados Unidos para o lado da Entente e os ajudou a vencer a guerra? Nada disso. Foi o imperialismo americano, pura e simplesmente, tentando participar da primeira grande rodada de redivisão do mundo para atender às exigências de uma situação alterada. Nessa batalha, a Alemanha imperialista em expansão perdeu. Mas a morte foi escassa e os caçadores foram muitos. A França e a Inglaterra receberam sua parte, reconhecendo muito bem que os Estados Unidos - o velho tio Shylock - já haviam embolsado tudo o que havia para ser embolsado. Os Estados Unidos saíram da guerra não mais como uma nação devedora, mas como uma nação credora, não mais como um país importador de capital em processo de construção, mas como um país exportador de capital em busca de investimentos imperialistas lucrativos.

A expansão que os Estados Unidos experimentaram durante a guerra foi ainda mais acelerada pelo boom após 1921. Os Estados Unidos em expansão aparentemente haviam encontrado a resposta para todos os problemas capitalistas. Isso foi ainda mais celebrado até 1929 devido ao fato de que, na mesma época em que a economia inglesa estagnou, a economia europeia entrou em declínio. A atenção da Inglaterra na Europa se concentrou na França; no mundo, na América. A Inglaterra tentou controlar o crescente poder continental da França com o apoio da Alemanha; ela tentou controlar o imperialismo americano promovendo os interesses japoneses no Extremo Oriente. Ela lutou por ambos, pelo controle da Europa e por sua antiga posição no mundo. Mas ela travou uma batalha de perdedores. A Inglaterra, o banqueiro do mundo, aos poucos teve que abrir espaço para o novo banqueiro, os Estados Unidos.

No entanto, as dívidas de guerra e bilhões de outros créditos não podiam mais ser pagos porque (entre outros motivos) os Estados Unidos não apenas emprestavam

capital, mas também exportavam as commodities de cuja exportação as nações europeias também dependiam. A Europa se viu em uma crise contínua; até mesmo os lucros ingleses diminuíram e, às vezes, desapareceram completamente. A Inglaterra podia viver com suas grandes reservas, mas sua posição como financiadora mundial foi lentamente perdida. Com isso, seu poder político também diminuiu. A força das nações pobres em capital, como a Alemanha e a Itália, aumentou de forma correspondente e, por meio de mudanças na política econômica e nas afirmações políticas, tornou-se possível para esses países desafiar novamente o domínio da Inglaterra na Europa.

No entanto, o que havia se tornado possível com o declínio do poderio inglês - ou seja, uma reorganização europeia que favorecesse as nações pobres em capital - já não tinha mais utilidade real. Os problemas econômicos e, conseqüentemente, políticos da Europa não podiam mais ser resolvidos por reorganizações continentais, mas apenas por aquelas que tinham o mundo como base. Mas a reorganização europeia era um pré-requisito necessário para a reorganização do mundo. Se a Inglaterra ainda podia estagnar, graças à sua enorme riqueza acumulada em tempos melhores, o mesmo não acontecia com outras nações europeias. As necessidades capitalistas da Europa exigiam alguma forma de política econômica europeia unida capaz de operar contra a expansão do capitalismo americano; mas os interesses capitalistas privados e as diversas fontes de apropriação de lucros em seu caráter específico, historicamente determinado, nacionalmente orientado e bastante rígido, excluíam a satisfação da "necessidade capitalista real". Ou melhor, o que "teoricamente" poderia ter servido como algum tipo de solução capitalista, foi praticamente excluído pelo fato de o capitalismo ser capitalismo. Tudo o que foi possível alcançar na Europa que se assemelhasse a alguma forma de cooperação foi uma Liga das Nações dominada pela Inglaterra e que atendia exclusivamente às necessidades dos vencedores nominais de Versalhes. Mas mesmo essa forma de "coletivismo" distorcido foi reconhecida pelos Estados Unidos como estranha aos seus próprios interesses e, conseqüentemente, foi sabotada.

A Inglaterra tinha o Império. A Comunidade das Nações se espalhava por todo o globo. Ela não estava disposta nem podia, por medo de perder o Império e sua posição favorável na Europa, juntar seus recursos com as parcas ofertas das nações continentais empobrecidas. De qualquer forma, e por quaisquer razões adicionais, a história provou a impossibilidade de uma união econômica europeia. Apesar de toda a conversa sobre a Pan-Europa, o período pós-guerra foi um período de crescentes atritos nacionais, de complôs e contraplôs, de crescente suspeita e medo, com cada nação agindo como um

lobo solitário. A Inglaterra, no entanto, como principal obstáculo à unificação europeia, foi devidamente recompensada por seus serviços ao capital americano com promessas de apoio sempre que necessário e com considerações tarifárias especiais que a beneficiaram exclusivamente.

VI

Na verdade, a longa depressão americana indica suficientemente que a expansão dentro do país atingiu suas barreiras. Indica também que a exportação de capital para fins de exploração é uma necessidade maior do que nunca. Mas as políticas tradicionais de exportação de capital chegaram ao fim; o imperialismo comercial deve ser substituído pela conquista militar aberta. É verdade que o antigo imperialismo também era acompanhado por ações militares; a colonização era uma forma de conquista militar. Assim que o capital é investido, surge a questão do protetorado. Mas o novo imperialismo "protege" primeiro e investe depois, se é que investe, e não se apropria simplesmente do que já existe.

Essa necessidade imperialista é ainda mais premente porque o declínio do intercâmbio entre a Europa e a América não oferece perspectivas de recuperação. O declínio não se deve apenas às condições de crise mundial, mas, mais especificamente, aos atuais "deslocamentos" econômicos (em relação às condições anteriores à guerra) que, no entanto, encontram sua explicação final também na superexpansão geral do capital que provocou a crise. Se antes da primeira guerra mundial os Estados Unidos exportavam principalmente produtos agrícolas e produtos acabados, desde então eles se tornaram exportadores de tudo o que existe sob o sol. Muros tarifários foram erguidos contra a concorrência europeia. Ano após ano, os Estados Unidos exportavam mais do que recebiam em troca. O capital do mundo fluía lentamente para seu tesouro. Embora essa ofensiva de exportação tenha sido amplamente estimulada e possibilitada por empréstimos e créditos, que mais tarde tiveram de ser reorganizados como perdas, a economia europeia foi cada vez mais prejudicada. Ela foi prejudicada, repetindo, porque esse processo não foi mais acompanhado por uma vasta expansão geral do capital.

As exportações de capital americano, ajudando na industrialização de países atrasados, reduziram ainda mais as oportunidades decrescentes do capitalismo europeu. Isso tornou os países atrasados mais independentes da indústria europeia e destruiu ainda mais os mercados de produtos industriais fabricados na Europa. Os "velhos" países capitalistas, incapazes de se expandir internamente, foram privados de suas oportunidades de investimento no exterior. Os mesmos fenômenos que antes

significavam sucesso e expansão agora levavam à miséria e ao declínio. O crescimento do capital desacelerou, enquanto o da concorrência foi acelerado. Se antes a concorrência significava um aumento geral na formação de capital, agora ela não indicava mais do que sua destruição progressiva. Significava o crescimento do imperialismo americano e seu interesse inevitável em uma Europa fraca e dividida. Embora as exportações de capital americano também tenham chegado ao fim na esteira da crise mundial, e embora os créditos por falta de segurança não fossem mais concedidos, a situação anterior à estagnação geral levou a economia europeia à beira da ruína.

Essa tendência geral, se não for interrompida, pode levar apenas à fome de fato na Europa. A Europa precisa de alimentos, ela não pode se alimentar sozinha. Para obter alimentos, ela precisa exportar. A frase de Hitler "Exportar ou Morrer" não era um slogan de propaganda; sua validade vale para toda a Europa industrial. Mas essa exportação é dificultada pelas necessidades capitalistas dos Estados Unidos, como, aliás, é dificultada para cada nação por todas as outras nações capitalistas. Somente porque a América, que não pode ser controlada pelo capital europeu, é a unidade mais poderosa, ela é o arqui-inimigo. Somente pelo fato de o imperialismo americano ser uma necessidade para o capitalismo americano, e pelo fato de este último não poder arcar com uma Europa forte, a competição geral aguçada como resultado da crise mundial teve de levar a novas tentativas imperialistas de resolver à força as contradições existentes no interesse das potências mais fortes.

Interesses separados, a ganância por lucros interfere continuamente nas necessidades econômicas do mundo. Coordenar a economia mundial com as necessidades e os prazeres da população mundial tornou-se a necessidade mais urgente. Mas sua realização é impedida em uma sociedade dominada por interesses de classe. O planejamento limitado que pode ser imposto não é mais suficiente. Os Bálcãs, sob controle alemão, podem ser facilmente forçados a planejar de acordo com as necessidades da Alemanha industrial. A Rússia pode ser subjugada com o tempo e ser obrigada a coordenar sua produção com as necessidades da Europa Ocidental. O Marechal Petain, não acreditando em nenhum futuro socialista, já anunciou que o slogan para a salvação da França é "De volta à terra; o campesinato é a verdadeira espinha dorsal da pátria". Se a Alemanha vencer, ela não permitirá que o crescimento industrial da França ultrapasse as necessidades competitivas alemãs e as exigências da guerra. A Índia pode ter seu desenvolvimento industrial frustrado por quem quer que a

governe. O Japão pode controlar o desenvolvimento da China de acordo com suas necessidades industriais. Tudo isso acontece como a luta de todas as nações industriais contra todas as outras. O planejamento em escala nacional não pode compensar o planejamento mundial agora necessário, porque ele não tem mais significado, exceto como parte da preparação geral para a guerra. O planejamento meramente em escala nacional pode significar apenas mais uma perturbação da economia mundial, já irremediavelmente perturbada. Os planejadores nacionais, tão orgulhosos de sua atitude liberal ou socialista em relação às necessidades nacionais, não passam de um apêndice dos vários estados-maiores do mundo que se preparam ou já participam do novo massacre em andamento.

O planejamento continental também não ajudará. Ele só possibilitará a preparação real para a luta de continentes contra continentes. Uma Europa unificada não significa uma economia mundial melhor; significa apenas a oportunidade de uma Europa capitalista lutar com eficiência contra seu adversário americano. Não significa mais do que a continuação da guerra atual ou o início de outra. As pessoas bem-intencionadas que hoje parecem ver a solução de todos os problemas do mundo em um Estados Unidos da Europa, sob o domínio alemão ou inglês, são apenas os primeiros defensores sinceros da guerra dos hemisférios que está por vir.

VII

Sem essa excursão por algumas das contradições capitalistas fundamentais em sua aparência atual, exibidas de forma mais dramática pela oposição da Europa à América, não é possível entender o significado completo das atuais lutas europeias¹. Na iminência da guerra atual, duas alternativas foram dadas à Inglaterra. Uma delas era "trair" os Estados Unidos e a "democracia" e alinhar-se com Hitler para a coordenação da economia europeia no interesse de nações industriais fortes e para uma guerra comercial contra os Estados Unidos e o resto do mundo não dominado. Essa política, mais cedo ou mais tarde, teria evoluído para uma nova guerra mundial, mas não imediatamente. Essa política, no entanto, certamente teria levado à coordenação do chamado hemisfério ocidental sob o controle dos Estados Unidos, à perda das possessões britânicas nesse hemisfério, ao sacrifício do Canadá e, possivelmente, até da

¹ Como este artigo serve como uma espécie de continuação do artigo "The War is Permanent", publicado na edição de primavera da Living Marxism, ele não trata de todas as fases dos problemas da guerra atual, mas enfatiza aquelas negligenciadas ou subestimadas no artigo anterior, ou seja, a posição da América no atual panorama da guerra. Presumimos que nossos leitores tenham conhecimento do primeiro artigo. Caso contrário, a edição da primavera deve ser lida em conjunto com este artigo.

Austrália, e à redução do comércio mundial inglês em uma extensão que não poderia ser compensada pela amizade com Hitler, que, de outra forma, seria bastante estimada.

Essa linha de desenvolvimento teria significado a expansão do acordo de Munique. Ao sacrificar a Tchecoslováquia, a Inglaterra sacrificou simultaneamente a Polônia e, conseqüentemente, toda a pequena entente, o mecanismo de segurança francês e, por fim, a própria França. Nessas condições, a Rússia enfrentava uma guerra com a Alemanha, a menos que se curvasse às exigências alemãs, o que certamente favoreceria os interesses alemães em vez dos russos. Para a Inglaterra, continuar com Munique só poderia levar à hegemonia alemã absoluta na Europa continental, o que transformaria a própria Inglaterra em vassala de Hitler. Hitler estava aspirando a esse curso de desenvolvimento quando implorou pela amizade inglesa.

Ele não conseguiu obter essa amizade, pois tudo o que podia oferecer à Inglaterra era uma posição de laçao dentro do novo Império Alemão; com a Europa sob controle alemão, a ameaça de invasão sempre pairaria como a espada de Dâmocles sobre a cabeça da Grã-Bretanha. Pelo menos, ele não poderia oferecer mais nada por um longo tempo e, atualmente, as decisões políticas precisam ser tomadas para fins imediatos. Em um mundo desordenado, a visão de longo prazo dos célebres construtores, sua paciência em seguir consistentemente as linhas planejadas de conquista, está excluída para a atual geração de políticos. A corrida pelas riquezas do mundo não envolve mais corredores de pés leves; ela foi "democratizada" e agora se assemelha a uma corrida geral para os balcões de barganha da história.

Restava então a outra alternativa: Impedir, em seu próprio interesse e em conformidade com as necessidades dos Estados Unidos, a formação de qualquer tipo de combinação político-econômica que pudesse servir à política continental capitalista urgentemente necessária, mas inatingível, designada para adiar o colapso. Não é apenas o fato de os Estados Unidos precisarem da Grã-Bretanha por causa da marinha da Grã-Bretanha (porque os Estados Unidos não puderam, nem acharam necessário, em vista de sua amizade com a Inglaterra, construir uma frota de dois oceanos), que a colaboração das duas potências era possível e necessária, mas também o fato de terem interesses idênticos na Europa propriamente dita. Essa colaboração com a Inglaterra serve às suas necessidades de defesa, mas é adotada conscientemente como um método de interferência imperialista nos assuntos da Europa. Não apenas o medo de que Hitler, depois de capturar a frota inglesa, prejudique os interesses imperialistas americanos - deixando de lado o absurdo de uma invasão na qual apenas os idiotas acreditam - dita a

amizade entre a Inglaterra e os Estados Unidos; mas muito mais ainda a política americana de conter a possível competição europeia, que poderia assumir proporções perigosas no caso da realização de uma economia europeia centralizada ou de uma atividade política unificada.

Costuma-se dizer que Wilson ficou extremamente decepcionado com os resultados de Versalhes. Mas não havia motivo para isso. Na política, é preciso ter sempre duas caras; na barganha e no pôquer, não se deve trair os próprios sentimentos. No entanto, é bem possível que Wilson não estivesse realmente ciente do que estava fazendo quando proclamou e insistiu no direito das pequenas nações à sua independência nacional. O princípio da autodeterminação, é claro, nunca foi praticado pela América ao sul do Rio Grande, mas o fato de a Europa se opor a ele foi um pecado contra a mais alta moral da democracia. Tão pouco quanto Wilson poderia saber o que realmente estava por trás de seus conceitos abstratos, o Kaiser, deixando que outros lutassem pela glória da grande Alemanha, sabia em 1914 que, na verdade, a primeira guerra mundial era uma luta contra o domínio mundial americano e pela reconstrução da Europa. A manutenção de uma Europa impotente e desintegrada era o único conteúdo do instrumento para esse fim. E, durante todo esse tempo, a centralização comemorava triunfos na América do Norte, o imperialismo dólar penetrava cada vez mais fundo na América do Sul e os milionários pareciam crescer em árvores.

VIII

A Inglaterra e os Estados Unidos, portanto, foram e são os inimigos mais ferrenhos de uma reconstrução europeia que só pode ser realizada - devido aos muitos interesses opostos que dependem da manutenção de determinadas unidades nacionais - por meio da guerra e da hegemonia da potência mais forte. A posição da Alemanha na Europa central, sua grande população, sua industrialização altamente avançada e, por todas essas razões, sua maior necessidade de expansão é aquela potência que poderia dominar com sucesso e, se possível, coordenar a Europa para que se assemelhe a algum tipo de bloco econômico capaz de competir com a América em um nível mais igualitário. A Alemanha não apenas trabalha nessa direção, embora de forma aleatória, mas precisa fazê-lo, ou perecerá como uma nação poderosa.

No entanto, é verdade que, embora a América não seja o único concorrente, ela é o concorrente mais importante para o capitalismo europeu. Também é verdade que a deterioração da posição competitiva da Europa é apenas um, embora o mais importante, de seus problemas. Todos os outros problemas estão relacionados de forma mais geral

às dificuldades da produção capitalista como um todo, mas o alinhamento da guerra atual e suas consequências imediatas estão diretamente relacionados às rivalidades entre Inglaterra e Alemanha, Europa e América.

Até a época da primeira guerra mundial, havia um tipo de economia internacional em que a Europa era a oficina, o banqueiro e o agente comercial do mundo. A renda da Europa era aumentada de forma contínua e decisiva com o produto da exploração de nações atrasadas e povos coloniais. As taxas de lucro em declínio foram reforçadas por interesses bancários, lucros comerciais, taxas de seguro e outras formas de apropriação. O declínio dessas rendas por meio do autodesenvolvimento da América do Sul, Ásia e África, dependente ou independente da ascensão do capitalismo americano, apenas acelerou ainda mais as dificuldades europeias. Esse declínio nos lucros do exterior deve ser levado em consideração em qualquer tentativa de entender a atual situação europeia. Caso contrário, é muito difícil explicar o impasse atual, porque o declínio na produção industrial, na exportação e na importação, conforme estabelecido estatisticamente, não é muito grande. Essa situação relativamente estável é bastante enganosa, a menos que se reconheça que essa estabilidade foi "suficiente" somente quando aumentada por lucros adicionais derivados do trabalho de outros países. Além disso, essa estabilidade em si é apenas um indicador de crise, porque somente uma economia capitalista em expansão progressiva pode ser uma economia capitalista próspera.

A Inglaterra foi a maior beneficiada por essa exploração mundial. A posição especial da Europa no mundo tornou a posição da Inglaterra segura. O colapso dessa economia mundial dominada pela Europa implica o colapso de uma Europa dominada pela Inglaterra. A continuação da política de orientação nacional é um nado contra a corrente real dos acontecimentos. Ela encontra seu fim na exaustão. Embora a Alemanha também professe servir apenas a seus interesses nacionais, sua posição na Europa atual, em conexão com a atual situação mundial, força-a, por assim dizer, contra sua vontade, a ir além de seus interesses nacionais, servindo-os mais diretamente. A forma bastarda de uma federação europeia só é possível por meio do sucesso da Alemanha, e essa federação aceleraria o declínio da Inglaterra.

No entanto, a Inglaterra não pode se opor a ele com qualquer grau de sucesso. É possível que a Grã-Bretanha tenha sido capaz de impedir a nova ascensão do imperialismo alemão, mas apenas favorecendo o imperialismo francês, que, nesse caso, teria tentado criar algum tipo de pseudofederação sob a hegemonia francesa. Uma

subjugação completa da Alemanha teria sido necessária nesse caso, mas a França foi impedida pela Inglaterra de fazer isso. Não houve letargia na política inglesa que pudesse explicar o retorno do imperialismo alemão. Foi a continuação enérgica e consistente de sua política de equilíbrio de poder, que não podia levar em conta a situação alterada, pois seu único objetivo era evitar todas as alterações. Além disso, havia a Rússia, um sistema capitalista estatal em um mundo de interesses de propriedade privada, mostrando a todos os países atrasados, por sua própria existência, que era possível escapar de um status colonial ou semicolonial. O capitalismo e o militarismo alemães não poderiam ser totalmente extintos sem aumentar as potencialidades imperialistas da Rússia. Havia dificuldades crescentes na Ásia e uma série de outros problemas. Culpar os estadistas ingleses por seu atual impasse pode ser divertido, mas não pode servir como explicação para as forças que penduraram o sinal de beco sem saída no país. Não sendo mais capaz de determinar o curso da política europeia, a Inglaterra se tornou uma ilha, não apenas no sentido geográfico, mas em todos os sentidos da palavra. A nova economia baseada em baionetas despedaçou a rede de comércio de dinheiro e investimentos.

Não é que o capital tenha perdido seu poder; de fato, é a falta de capital que é a base de todo o dilema. Foi a falta de capital que impediu a modernização necessária da agricultura europeia, que limitou a expansão de capital necessária e, portanto, impediu o relaxamento das tensões que levaram à guerra. Nenhuma alfândega europeia pode realmente compensar essa escassez de capital que levou à beira da inanição e, ainda assim, não poderia exigir outras medidas além daquelas que pioraram a situação ruim. Já passou o tempo em que a ausência de barreiras tarifárias e outros impedimentos comerciais poderia proporcionar vantagens essenciais às grandes nações industriais. Uma união aduaneira pode ajudar, mas ainda assim não passa de uma gota d'água em uma pedra quente. Ela não resolverá os problemas reais. Assim como um homem que está se afogando se agarra a um canudo, os governos também farão o que precisam fazer sem questionar o valor final de seus atos.

A necessidade e a possibilidade de aliviar, mesmo que temporariamente, alguns dos atritos econômicos e sociais que infringem a lucratividade da economia europeia determinam as ações dos novos governantes fascistas. O "automatismo" das políticas tradicionais de investimento de capital e comércio não precisava ser substituído; ele não funcionava mais. Se os investimentos não deslocam populações inteiras de acordo com as exigências particulares de investidores privados, as populações ainda podem ser

deslocadas por um mero comando dos governos ditatoriais. Se as pessoas não puderem mais ser exploradas por meio do mecanismo de mercado, elas poderão ser obrigadas a trabalhar com o salário que os governos acharem conveniente pagar. O mecanismo de mercado era, afinal de contas, apenas um mecanismo para a exploração bem-sucedida do trabalho; o novo mecanismo fascista serve a esse propósito da mesma forma, embora elimine parcialmente os elementos exploradores que estavam muito ligados ao sistema antigo, em favor de novos elementos exploradores que se adaptam melhor e mais rapidamente ao novo sistema. Ele elimina essas pessoas não apenas nos territórios onde a "nova economia" é praticada, mas também onde o "velho capitalismo" ainda prevalece. O comércio entre as nações europeias e o comércio da Europa com o mundo é tanto mais perturbado quanto mais se torna "gerenciado". Com base em "economia mista", acordos de compensação e acordos de permuta, o comércio internacional não pode ser ampliado, mas apenas evitado que desapareça completamente. Torna-se mais difícil para as nações "ricas" usar seu capital em seu próprio benefício. Ele não enriquece os países pobres e consome o capital dos ricos. A economia totalitária injetada no livre comércio leva a uma mistura econômica mundial muito pior em seus resultados do que qualquer um dos sistemas poderia ser por si só. "Se Marx visse o cabelo do capitalismo ficando grisalho e seus dentes caindo", observou *Herbert Heaton* recentemente, "talvez hoje ele diria que seu cabelo ficou grisalho da noite para o dia devido aos choques dos últimos dez anos e que seus dentes foram arrancados em um campo de concentração".

O que é necessário agora para trazer à economia mundial algum tipo de ordem que permita que as pessoas voltem a falar de progresso no desenvolvimento social não pode ser feito por métodos e objetivos capitalistas democráticos ou fascistas. A desordem existente chegou a um ponto em que somente uma solução radical pode ajudar. Toda a produção de valor e a troca de valor precisam ser eliminadas, tanto em sua forma monetária quanto em sua forma de troca. Afinal de contas, a produção fascista de "valores de uso para uso" e a troca por acordos de permuta, a tentativa de limpar o trabalho de seu caráter de mercadoria, dando-lhe uma forma escravagista modernizada, não mudaram nem um pouco as relações sociais e econômicas capitalistas fundamentais. A produção de "valores de uso" serve à produção para o lucro como sempre, o sistema de permuta troca menos por mais trabalho, o trabalho continua sendo explorado como antes - só que ainda mais. A produção de valor e a troca de valor devem e podem desaparecer somente com o fim das relações de classe. Somente por

causa da existência dessas últimas é que as primeiras não podem ser seriamente desafiadas, o terror deve aumentar. Somente então, quando a satisfação das necessidades do todo, não do todo simbolizado do Estado, mas de toda a sociedade, for considerada o pré-requisito para a satisfação das necessidades do indivíduo - e isso no sentido restrito da relação social em qualquer país em particular, como no sentido amplo das relações territoriais na economia mundial - será possível falar do início de uma nova era de desenvolvimento social. Nada menos que essa solução radical ajudará, e como parece que ainda estamos longe dessa solução, não é possível encontrar uma única nota otimista no atual concerto do inferno.

Sem uma solução tão radical, o caminho pode mudar suas formas, mas não será encerrado. O único desenvolvimento possível agora é o desenvolvimento da guerra. Após a derrota da França, a continuação da guerra significou a incorporação da Inglaterra ao novo Império Americano. A menos que ocorra o improvável colapso interno da Alemanha, parece não haver possibilidade de derrotar a Alemanha por meios militares por algum tempo. Os aspectos militares da guerra entre Inglaterra, Alemanha e Itália podem indicar, quando muito, apenas a derrota militar da Inglaterra. Por mais custosa que seja uma invasão da Inglaterra, ela será realizada se for uma necessidade para a Alemanha ou se acontecimentos imprevisíveis a tornarem oportuna. Se a Inglaterra se restringir a meras medidas de defesa, se suas táticas aéreas e navais não prejudicarem a Alemanha o suficiente, não é impensável que a Alemanha tente desgastar a Inglaterra lentamente em vez de acabar com sua existência atual por meio de métodos de blitzkrieg. Mesmo a essa hora tardia, uma paz de compromisso não está totalmente excluída, e essa paz separaria pelo menos parte dos interesses ingleses dos Estados Unidos. Para excluir essa possibilidade, os Estados Unidos devem ajudar a Inglaterra muito mais do que têm feito até agora. Quanto maior for essa ajuda, maior será a necessidade de a Alemanha tentar a invasão.

Não é mais verdade que "a Inglaterra espera que todo americano cumpra seu dever". Em vez disso, o oposto está de acordo com os fatos. Se a fronteira de Roosevelt já foi o Reno, suas tropas de choque agora certamente estão no Tâmesis. Essa clarividência é ainda mais surpreendente por causa da miopia geral predominante, que não vê o fato de que as bandeiras e listras voam bem acima da Union Jack. Foi um tanto supérfluo mudar as cores dos destróieres e tanques que foram enviados para o Canadá.

Para aumentar as dificuldades da Alemanha e mantê-la ocupada na Europa, os Estados Unidos devem ajudar a Inglaterra, mas nunca de forma decisiva. Além da

questão de saber se os Estados Unidos ainda são realmente capazes de conceder apoio decisivo à Inglaterra, eles apenas apressam a necessidade militar da invasão ao fazer isso. Mais do que qualquer outra coisa, a invasão depende agora das ações americanas, de suas possibilidades de suprir a Inglaterra com materiais de guerra, de seu desejo de manter o poder de ataque da Alemanha ligado ao cenário inglês. Se a ajuda dos Estados Unidos não for suficiente para aumentar as potencialidades militares da Inglaterra durante os próximos meses a ponto de suas ações se tornarem insuportáveis para a Alemanha, esse país poderá considerar mais importante lutar contra a Inglaterra em outro lugar do que em seu próprio território. A atitude atual da Espanha, que sugere a participação na guerra ao lado do eixo, a ofensiva italiana no Egito, as tentativas de tomar o canal de Suez e Gibraltar que se seguirão, o fechamento do Mediterrâneo para a navegação inglesa, juntamente com o bombardeio contínuo da Inglaterra propriamente dita - essas e outras táticas podem pesar mais na especulação dos estados-maiores das potências do eixo do que a própria invasão. Mas, a qualquer momento, eles também poderão considerar melhor tomar a Inglaterra primeiro e, assim, desmembrar o Império. A iniciativa ainda está do lado do eixo.

Independentemente do que possa acontecer ou tenha acontecido, a guerra já é uma guerra entre os Estados Unidos e as potências do eixo. Essa guerra pode se estender ainda mais se o Japão se aliar a elas. A tomada da Indochina pelo exército japonês, o golpe final contra a China, agora em preparação para liberar as mãos do Japão para a possível luta com os Estados Unidos (uma luta que aliviaria a pressão dos Estados Unidos sobre a Alemanha), tudo indica que qualquer resultado da luta entre a Inglaterra e a Alemanha não trará o fim da guerra. No caso de uma invasão bem-sucedida da Inglaterra, tudo o que puder ser recuperado - partes da frota ou os domínios fora do alcance de Hitler - se tornará parte dos Estados Unidos. No caso de uma solução de compromisso, que implique a formação de um governo fascista na Inglaterra, as forças que conseguirem escapar da "nova Inglaterra" continuarão a lutar, mas sob as estrelas e listras, assim como parte do Império Francês e os soldados aliados que escaparam agora lutam sob a bandeira inglesa. Na forma de operações militares, a guerra continuará onde quer que os exércitos das potências do eixo atinjam os interesses ingleses, ou seja, na África, Ásia e Índia. Entre os Estados Unidos, as potências do eixo e, possivelmente, o Japão, será travada uma guerra naval, aérea e comercial.

Nessas condições, o destino dos Bálcãs terá de ser decidido entre a Rússia e as potências do eixo. A Rússia terá que manter suas relações atuais com a Alemanha ou

lutar contra ela - e, portanto, contra o Japão, caso ela se oriente para os Estados Unidos. A Rússia poderá ser ainda mais apaziguada com partes da China, da Pérsia, da Turquia e, possivelmente, até da Índia. A atitude russa em relação à continuação da guerra dependerá em grande parte das relações entre o Japão e os Estados Unidos e do progresso da guerra na Ásia. Os Estados Unidos estão tentando chegar a um entendimento com o Japão e a Rússia, assim como estão tentando incluir a Rússia na frente de expansão das potências do eixo. A probabilidade de sucesso é maior para a última tentativa do que para a primeira. No entanto, não está totalmente excluído que, neste momento, uma guerra no Pacífico ainda possa ser evitada, mesmo que apenas por adiamento, caso isso atenda melhor aos interesses mais imediatos do Japão e dos Estados Unidos. ²Mas, pelo que se pode ver agora, parece haver uma possibilidade muito maior de que, pelo fato de os Estados Unidos estarem muito mais preocupados com os problemas do Pacífico do que com sua necessidade de lutar contra a guerra comercial alemã que se aproxima, a guerra para os Estados Unidos será predominantemente localizada no Pacífico.

Somente com o isolamento da Rússia em razão do sucesso alemão na Europa é possível para o Japão desafiar o capitalismo americano na Ásia e no Pacífico. A luta dos Estados Unidos contra o Japão é, portanto, ao mesmo tempo, a continuação de sua luta contra a Alemanha. O apoio da Alemanha ao Japão tem o objetivo de enfraquecer o poder de ataque dos Estados Unidos e, portanto, faz parte do conflito europeu ainda inacabado, bem como da ofensiva comercial que se aproxima. Apesar de toda autarquia, nacional ou regional, a economia mundial não chegou ao fim; só que agora ela significa guerra mundial.

IX

Além da questão de saber se o regime nazista pode, mais cedo ou mais tarde, subjugar e incorporar os regimes de livre iniciativa ainda existentes na Europa, o que aconteceu até agora só pode significar que a América deve enfrentar um aprofundamento das condições de crise existentes ou adotar métodos totalitários em suas relações internas e externas. A luta econômica mundial não pode deixar de reduzir os padrões de vida existentes e a demanda por commodities, a menos que a economia de guerra substitua a economia de crise. Os esforços intensificados em todos os países para produzir para exportação aumentam ainda mais essa necessidade. Os mercados "normais" para os Estados Unidos desaparecem com o avanço da guerra.

² A próxima edição da LIVING MARXISM tratará amplamente das relações no Pacífico.

Uma Alemanha vitoriosa ainda precisará de mercados de exportação, de capital, de moeda estrangeira e de material de guerra. Sua economia enfrentará uma situação de escassez geral em tudo - estoques esgotados, indústrias obsoletas, ferrovias em funcionamento e a necessidade de mais armas. Essa necessidade não pode ser satisfeita por confiscos na Europa, nem por meros rearranjos na distribuição. A pobreza crescente na "nova" Europa não permitirá que nem a Alemanha nem a Europa descansem sobre os louros das vitórias militares. A expansão deve continuar, mesmo que seja apenas para utilizar o que foi conquistado. Mas quanto mais essa expansão avança, mais difícil e menos lucrativa ela se torna.

Com a derrota da Inglaterra, será aberta a questão da redistribuição das possessões coloniais da Europa. O que acontecerá com o Canadá, a Terra Nova, a Groenlândia, as Bahamas, as Bermudas, as Índias Ocidentais francesas, britânicas e holandesas, Honduras, Guiné, as Ilhas Falkland e as Ilhas do Mar do Sul, etc.? Os Estados Unidos estão determinados a não entregá-las nem à Alemanha nem ao Japão. Não há dúvida de que, com a derrota da Inglaterra, todas as bases e possessões européias no hemisfério ocidental serão tomadas pelos Estados Unidos. A inimizade entre a Europa, o Japão e os Estados Unidos aumentará enormemente.

Mas a ofensiva comercial nazista que se aproxima exige mais do que impedir que a Europa controlada pelos alemães mantenha as antigas possessões europeias. A América do Sul pertence ao hemisfério oriental, e não à América do Norte. Seus produtos são mais necessários na Europa do que na América; suas possibilidades de comércio com a Europa são maiores do que com a América. Os acordos de permuta movimentarão as mercadorias onde a economia monetária falhou. Os métodos comerciais e as políticas tarifárias americanas esvaziaram a América Latina e muitos países europeus de ouro e divisas. O sistema de permuta alemão oferece uma solução, pois o ouro não voltará por si só para países com balanças comerciais desfavoráveis.

Por meio de permutas, acordos de compensação, moedas bloqueadas e subsídios à exportação, a Alemanha nazista conseguiu dobrar sua participação no comércio exterior dos países produtores de matérias-primas às custas da Inglaterra e dos Estados Unidos. Como as exportações americanas para os países produtores de matérias-primas eram de consequência muito menor do que suas exportações para as nações industrializadas, a redução adicional das primeiras parece ser de pouca importância. Entretanto, o quadro parece um pouco diferente se considerarmos a necessidade inevitável da Europa de importar matérias-primas e sua incapacidade de continuar a ser

o melhor cliente dos Estados Unidos. Se houvesse a chance de uma expansão capitalista geral em todo o mundo, o declínio das exportações americanas para a América do Sul não seria motivo de preocupação, pois seria compensado pelo aumento das exportações para a Europa industrial. No entanto, do jeito que está, as possíveis perdas no comércio sul-americano acentuarão o declínio das exportações americanas em todo o mundo. Portanto, não é tanto uma questão de concorrência europeia na América do Sul propriamente dita que está por trás da atual "redescoberta" do Sul pelo Norte industrial, mas a necessidade inescapável de combater, por meio do combate ao comércio europeu na América do Sul, a posição competitiva da Europa em todo o mundo. Com o controle das matérias-primas e dos gêneros alimentícios das indústrias alemã e japonesa, a capacidade desses países de conquistar mercados da América por meio de novos métodos de comércio é consideravelmente reduzida. O controle total do hemisfério ocidental pelos Estados Unidos é uma arma tão poderosa que o sonho alemão de uma reorganização mundial em seus próprios termos torna-se bastante ridículo.

A fome de matéria-prima da Alemanha, da Itália e do Japão não pode ser satisfeita com os métodos comerciais antigos, porque esses países não têm o ouro e o câmbio necessários para comprá-los nas quantidades necessárias para suas indústrias. Por razões semelhantes, a fome de bens industriais nos países menos desenvolvidos também não pode ser satisfeita. O comércio entre a América Latina e a Europa, bem como entre os Estados Unidos, diminuiu rapidamente com o agravamento da crise mundial. No entanto, o total das exportações da América Latina chegou a mais de 1,75 e 1,86 bilhão de dólares em 1938 e 1919, respectivamente. A Alemanha, a França e a Itália absorveram 15,8% em 1938 e 11% em 1939; 15,9% e 12,8% de todas as exportações latino-americanas foram para a Grã-Bretanha. Em relação aos gêneros alimentícios, quatro nações - Inglaterra, Alemanha, Bélgica e Itália - ficaram com 79% do total das exportações da Argentina em 1938, enquanto os Estados Unidos ficaram com apenas 9%. Metade da renda que as nações sul-americanas obtiveram com as exportações veio da Europa. Uma séria interrupção do comércio entre a Europa e a América do Sul torna a existência de ambos os territórios bastante difícil.

O fato de a América do Sul produzir o que a Europa precisa, e a Europa o que a América do Sul precisa, tornou a troca de mercadorias possível e necessária. Quanto mais esse tipo de comércio florescia, menor era a possibilidade de concorrência entre os países que ainda se baseavam nos métodos de troca de ouro. Com o declínio da influência econômica, a influência política diminuiu e, com isso, o valor dos

investimentos na América do Sul. A crescente independência da América do Sul em relação a seu vizinho amigo aponta na direção de repetições em grande escala dos atos de expropriação mexicanos. Tal situação, juntamente com a melhoria da posição competitiva da Europa em virtude de melhores relações entre a Europa e a América do Sul, forçaria a indústria americana a recuar, fortaleceria as forças totalitárias atualmente em ascendência e provocaria alterações no capitalismo privado. Lutando contra a ofensiva comercial alemã na América do Sul, o capitalismo privado americano continua a luta por sua própria existência, cuja primeira rodada acaba de ser perdida na Europa. No entanto, quanto mais ele lutar contra o fascismo, mais totalitário ele se tornará.

Todo o hemisfério ocidental sob o controle dos Estados Unidos significa a posse de recursos de material bélico inigualáveis no mundo - alimentos, níquel, alumínio, zinco, cobre, etc. O controle parcial da borracha e a coordenação militar do hemisfério colocam os Estados Unidos em uma posição em que podem ditar os termos comerciais em sua relação mundial, ou seja, em que podem exigir sua parte dos lucros criados no mundo. Nem seu ouro nem suas vantagens industriais, mas um monopólio militarmente assegurado sobre uma parte importante do mundo pode agora garantir a apropriação de lucros além das esferas sob controle. Os alemães, italianos e japoneses não estarão mais negociando com vários países independentes, mas com os Estados Unidos, que podem receber sua parte em qualquer uma das transações possíveis. Em outras palavras, o imperialismo americano pretende continuar a participar da exploração de todos os outros trabalhadores do mundo, além dos seus, assim como a "nova" Europa pretende impedir essa invasão por parte dos Estados Unidos e criar uma condição em que a maior parte dos lucros mundiais seja transferida para a Europa.

As armas comerciais americanas, como embargos, controle monetário, controle de remessas e seguros, manipulações de câmbio e tarifas do tráfego turístico e seu monopólio do ouro - todas essas armas não são mais suficientes para garantir a exploração mundial do capitalismo americano. Tampouco as medidas tomadas para coordenar a América do Sul com os interesses americanos, como as que já foram realizadas com relação ao Canadá, serão suficientes para combater a ofensiva comercial da Europa. Um cartel econômico desse hemisfério deve controlar toda a sua produção, e não mercadorias isoladas. Para ser realmente eficaz, ele não pode resolver os problemas existentes subornando as nações sul-americanas para que se abstenham do comércio com a Europa e o Japão. Os empréstimos concedidos à América do Sul como compensação pelas perdas incorridas pela nova política imperialista dos Estados Unidos

serão aceitos, mas os compromissos relacionados a eles não serão cumpridos. Alguns dos países latino-americanos chantagearão os Estados Unidos para que concedam empréstimos cada vez maiores, que nunca poderão ser pagos; outros se recusarão totalmente a cooperar, já que os Estados Unidos não poderiam, no caso da Argentina, por exemplo, compensar as perdas incorridas pela interrupção das relações argentinas com a Europa.

Para combater a Europa e o Japão com sucesso, a política de boa vizinhança dos Estados Unidos precisa se tornar ainda mais amigável; ou seja, como um repórter observou, "os Estados Unidos serão forçados a colocar um pouco de ferro na mão da luva que estende à América Latina". E o Catholic "Register" escreve que "nossas forças comerciais vão levar nossas armas para o sul da América Latina quando o sistema de troca de Hitler começar a acabar com nosso comércio. A autodefesa está nos levando a construir uma enorme força armada, mas nunca na história uma nação se tornou militarista sem também se tornar imperialista". A desculpa está à mão. Alsop e Kintner, em seu "American White Paper", dizem que "a situação já está aguda. Os pontos de perigo imediato são as maiores e mais importantes nações - Argentina e Uruguai, Brasil, Chile, México e, provavelmente, a Colômbia -. Os Departamentos de Estado, Guerra e Marinha estão unidos na crença de que, se houver uma vitória alemã antecipada, ela será seguida por golpes de inspiração alemã em pelo menos dois desses países, e provavelmente em mais de um... Isso exigirá expedições navais e militares enviadas pelos Estados Unidos... E, a menos que os alemães tenham obtido as frotas aliadas, as expedições devem atingir seu objetivo." Sim, devem, mas isso significa uma maior militarização dos Estados Unidos, e isso significa o crescimento do fascismo por meio da luta contra o fascismo; significa o prolongamento e a disseminação da guerra. Para o imperialismo americano, não menos do que para o imperialismo alemão, significa o adiamento da única possibilidade de acabar com a guerra contínua - acabando com o sistema capitalista de exploração. O imperialismo americano na América do Sul, embora não tenha sido projetado com outro propósito senão o de tornar o mundo seguro para os lucros americanos, apenas diminuirá ainda mais esses lucros. Ele empobrecerá tanto a América do Norte quanto a América do Sul e, portanto, empobrecerá o mundo como um todo. A destruição da agricultura sul-americana diante de um mundo faminto, a "lavoura" em escala hemisférica dos excedentes criados pelo divórcio entre a Europa e a América do Sul, o uso de todas as matérias-primas industriais para fins quase que

exclusivamente destrutivos - tudo isso tem de ser "pago" pelo trabalho dos trabalhadores americanos ao norte e ao sul do Istmo.

X

Embora as especulações sobre o curso futuro da história mundial sejam extremamente interessantes, elas não são, de forma alguma, de grande importância na medida em que dizem respeito ao destino das massas trabalhadoras. A questão de quem lutará contra quem, quem será o vencedor e quem será o perdedor pode significar pouco para as pessoas que há muito tempo já perderam tudo o que podiam perder e que não podem ganhar nada, independentemente de qual lado possa ser vitorioso. Enquanto as relações de produção capitalistas não forem eliminadas, tanto nos países vencedores quanto nos derrotados, a exploração será levada ao máximo; a liberdade e o bem-estar cairão ao ponto mais baixo possível.

Além disso, não faz mais diferença a política que alguém possa adotar, pois a realidade de hoje determina as ações de todos os indivíduos; e essa realidade não permite mais nenhuma outra política que não seja aquela adequada às exigências de guerra das várias nações. Como é tolo dizer hoje que somente uma América socialista, ou uma Inglaterra socialista, será capaz de derrotar o fascismo, de se opor a Hitler com sucesso. Nem na Inglaterra nem nos Estados Unidos uma mera mudança de governo, não, nem mesmo o controle direto dos trabalhadores, poderia impedir o sucesso do fascismo. Falar em defesa da América por meio de um socialismo americano está além de qualquer consideração séria. Os movimentos que poderiam se desenvolver nos Estados Unidos não teriam aspirações socialistas; eles seriam fascistas e imperialistas. A eles pertence o futuro imediato.

Para a Inglaterra, não um governo socialista, mas apenas um poder militar maior do que o de Hitler pode derrotar este último. Como o socialismo britânico não poderia, pelo simples fato de ser socialista, criar tal poder, o socialismo não chegará ao poder; ele será derrotado. Esperar que os soldados alemães possam se revoltar por causa de uma mudança no governo de classe na Inglaterra significa subestimar o poder da ideologia nazista. Uma mudança no regime de classes na Inglaterra significaria a derrota imediata da Inglaterra; ela seria acolhida pelos nazistas e morta no ato de seu abraço. A presença da força nazista transformará uma revolução socialista em uma revolução fascista capitalista de Estado, que terá de se aliar ao sistema imperialista fascista dominado pela Alemanha.

Somente um pensamento ilusório poderia supor que os próximos anos apresentariam a oportunidade para o surgimento de movimentos socialistas nos países em guerra, ou que a derrota de um ou de outro poderia ser evitada por métodos socialistas, ou poderia ser utilizada para fins socialistas. O antifascismo praticado pelas organizações trabalhistas existentes é, na realidade, nada mais do que o apoio do capitalismo de propriedade privada contra as crescentes forças capitalistas estatais. Esse antifascismo termina com a derrota do capitalismo privado. O antifascismo capaz de derrotar o fascismo deve ser dirigido também contra o capitalismo de estado, deve ter uma base internacional real e deve envolver a maior parte das massas mundiais.

Ainda estamos longe de tal situação. Além disso, ela só pode ser criada pela continuação da guerra geral, pela ruptura adicional de todas as relações econômicas mundiais essenciais e vitais e por um aumento do caos existente. Os mais interessados na paz e no socialismo terão de gritar mais alto "Viva a guerra! "³

³ A continuação deste artigo na próxima edição tratará das tendências revolucionárias inerentes à atual situação mundial e das oportunidades que ainda nos restam para trabalhar na direção do socialismo.